

INT-0405

c.1

E/CEPAL (1985)

SOMENTE PARA OS PARTICIPANTES

Documento de Sala de Conferencias N° 2
13 de Março de 1985

ORIGINAL: PORTUGUES

Reunião de Especialistas sobre Crise e
Desenvolvimento de América Latina e o Caribe
Santiago de Chile, 29 de Abril a 3 de Maio de 1985



A PAZ E A SEGURANÇA NA AMÉRICA LATINA NA DÉCADA DE OITENTA */

Alexandre de S.C. Barros

*/ Trabalho preparado para apresentação no Encontro Sobre Alternativas de Desenvolvimento na América Latina, realizado em Cali, Colômbia, sob o patrocínio conjunto do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), Relações Internacionais na América Latina (RIAL) e Universidad de Los Andes, entre os dias 30 de Agosto e 2 de Setembro de 1984.

As opiniões expressadas neste documento são de exclusiva responsabilidade do autor e podem não coincidir com as da Organização.

INDICE

	<u>Página</u>
Introdução	1
Os Conflitos Intra-regionais: A Ausência das Grandes Potências	11
Conclusões	18
Bibliografia e Fontes de Informação	23

Introdução

When two school boys argue, hurl insults, dare at each other to throw the first punch, then begin socking each other, it hardly matters whether the fight was over turf, marbles or a girl. What does matter are the dynamics; they spelled the difference between a harmless face off and a serious scuffle. It may have been the fear of appearing weak, or a feeling of self justification, or a misjudgement of the other's resolve that led to that first punch.¹

Durante cem anos a América Latina esteve praticamente imune a conflitos internacionais. A exceção da Guerra do Chaco na década de trinta, do Conflito entre Ecuador e Peru na década de quarenta, e da Guerra entre Honduras e El Salvador na década de sessenta, a paz internacional era o estado reinante no continente.

Apesar da ocorrência destes conflitos, se eles forem medidos por padrões internacionais, veremos que eles foram certamente de menor monta e de menor duração do que é o caso na maior parte do mundo.

¹C. Peter Gall, "The Superpowers' Schoolboy Psyche", review of Ralph K. White's Fearful Warriors: A Psychological Profile of U.S. Soviet Relations. (New York: Free Press, 1984) in Business Week (International Edition), 13 August 1984.

O fato de que a América Latina estivesse fora do "mainstream" da política internacional fazia com que os problemas de paz e de segurança da área fossem de outra natureza. Afinal de contas, esse podia ser considerado como um lado "agradável" do subdesenvolvimento. Isso não quer dizer, no entanto, que tudo fossem rosas. Por um lado existia, especialmente na América Central, a situação recorrente das intervenções norte-americanas. Por outro, mais recentemente, existia o problema definido pelo establishment norte-americano e latino-americano de identificar qualquer movimento de protesto ou de reforma com subversão comunista. Paralelamente a isso vinha o problema da violência política.

Nesse trabalho, já que vou tentar discutir um pouco o presente com vistas a projetar o futuro, estes dois problemas de paz e segurança são os que mais interessam, já que está sendo através de sua versão moderna que a América Latina--especialmente a América Central--está entrando no "mainstream" da política internacional na década de oitenta.

Essa crise que atualmente ocorre na América Central tem suas origens ao término da Segunda Guerra Mundial, e resulta do arranjo que entre si fizeram as Grandes Potências que se consolidaram durante o conflito: os Estados Unidos e a União Soviética.

O acordo feito pelas Grandes Potências, ao fim da guerra, basicamente dividiu o mundo em dois. Uma parte supostamente ficaria debaixo da influência norte-americana, e outra debaixo da influência soviética. Esse acordo, no entanto, não foi um em que as partes contratantes conseguiram exatamente o que queriam, como aliás acontece com todos os acordos internacionais.

Dado o fato de que o principal teatro de combate da Segunda Guerra localizou-se na Europa, ao término do conflito, quando chegou a hora de fazer a divisão do espólio da guerra, ficou embutido nela um desequilíbrio entre as grandes potências devido a vários fatores.

Em primeiro lugar, em 1946 a União Soviética ainda era, de facto, um país apenas aspirante ao status de grande potência e não uma potência militar consolidada com projeção mundial. Essa era a situação devido ao fato de que, do ponto de vista internacional, ainda que a URSS tenha crescido militarmente durante a Segunda Guerra ela não cresceu o suficiente para ter a capacidade de fazer valer poder muito além de suas fronteiras. Nessa época, a URSS não dispunha dos meios de projetar seu poder no

plano mundial.² Já a situação dos Estados Unidos era muito diferente porque este país havia dispostos de todo o intervalo entre as duas grandes guerras para se consolidar como um poder econômico que lhe deu a base para partir para o salto militar no plano mundial.

A localização do principal teatro de combate na Europa também teve uma influência fundamental na maneira como foi operacionalizada a divisão do mundo. Os Estados Unidos mandaram suas tropas para a Europa e com isso tiveram a oportunidade de aumentar a capacidade de projeção de seu poder militar como parte mesma da participação nas operações de guerra--isso sem falar na dinamização econômica e industrial possibilitada pelo esforço de produção de guerra. Essa foi uma oportunidade oportunidade que a URSS não teve.

Ora, quando chegou a hora de dividir o mundo, uma boa parte das premissas da negociação se baseava em manter, tanto quanto possível, o status quo existente no momento do fim da guerra.

²A situação da URSS nessa época era parecida com a situação dos Estados Unidos no século passado, quando o Presidente Monroe anunciou a Doutrina que tomou seu nome. Naquele momento os Estados Unidos disseram que não admitiriam ingerência européia nas Américas, e os europeus acreditaram na ameaça norte-americana ainda que ela fosse, de fato, um blefe, já que, naquele momento, os Estados Unidos não tinham a menor possibilidade de fazer valer militarmente os designios enunciados pela Doutrina Monroe.

Isso permitiu que os Estados Unidos, que estavam bastante próximos das fronteiras da União Soviética, lá permanecessem, seja através de arranjos multilaterais como a OTAN, ou através de outros arranjos de tipo bilateral. A URSS não dispunha de uma vantagem comparável em relação aos Estados Unidos. Assim, ainda que as duas Grandes Potências tivessem hegemonias incontestadas dentro de seus blocos, na relação inter-blocos, os Estados Unidos podiam chegar física e militarmente muito mais perto da União Soviética do que o reverso. O desequilíbrio era, portanto, favorável aos Estados Unidos.

A possibilidade de influência soviética fora da sua "metade do mundo" se restringia à militância de membros dos partidos comunistas fiéis à orientação de Moscou, possibilidade que, ainda assim, era limitada pelo fato de que em boa porção do mundo, como parte do arranjo das duas hegemonias, a atuação destes partidos era política e policialmente limitada.

Em 1957, com o lançamento do Sputnik a percepção a respeito da URSS começou a sofrer mudanças no mundo. Ainda que com um regime econômico e de produção industrial extremamente ineficiente do ponto de vista capitalista, o salto tecnológico de que o lançamento do primeiro satélite artificial foi expressão nesse momento levantou preocupações nos Estados Unidos de tal

ordem que elas vieram a motivar, em grande parte, a arrancada norte-americana em direção ao espaço.

O outro fator--esse político--que teve grande influência na mudança da percepção a respeito da URSS foi a aliança entre Cuba e a URSS após a vitória da revolução liderada por Fidel Castro. A partir desse momento se colocou, pela primeira vez, como uma possibilidade real, a perspectiva de que a União Soviética pudesse estar tão perto dos Estados Unidos como eles estavam dela. Em verdade, uma tentativa foi feita nesse sentido, quando, em 1962, a União Soviética tentou instalar foguetes em Cuba.

A tentativa soviética fracassou e a possibilidade de compensar a desvantagem iniciada com o acordo do fim da Segunda Guerra Mundial não foi bem sucedida.³

Curiosa--e quiçá ironicamente--esse período coincidiu com a melhora das relações soviético-norte-americanas no plano mundial. A ironia reside no fato de que em diversas circunstâncias o relacionamento direto entre as Grandes Potências pode estar

³Sobre esse tema existe vastíssima literatura. Talvez se trate, na realidade, do tema mais estudado em política internacional. Para uma visão "compactada" do assunto ver Alexandre de S.C. Barros e Paulo Roberto Kramer, "As Origens da Guerra Fria: Um Texto Didático." (Rio de Janeiro: IUPERJ, 1983), mimeo.

mais ameno ou mais deteriorado, sem prejuízo do fato de que o seu relacionamento indireto--i.e., através de seus aliados subsidiários ou mais fracos--esteja em desacordo com isso.

Assim, no período de que estou falando começou, no âmbito do chamado mundo desenvolvido o descongelamento do relacionamento entre as grandes potências. Kennedy e Krushev começaram a poder se falar e a negociar. Esse "descongelamento" de relações não ocorreu, no entanto, no âmbito latino-americano ou de outras regiões subsidiárias.

Ao contrário, ao passo que as relações entre as Grandes Potências se tornavam mais cordiais no plano direto, na América Latina a administração Kennedy aumentava sua preocupação com questões de segurança interna dos países latino-americanos, patrocinava o desenvolvimento de programas de assistência militar e policial à repressão a movimentos políticos, quer de origem comunista, quer de origem não comunista, mas que eram todos "postos no mesmo saco" por terem em comum, em primeiro lugar o desejo de mudança e, em segundo, um componente anti-americano perfeitamente compreensível já que, dada a situação de hegemonia norte-americana no continente, os Estados Unidos eram mais fácil e mais rapidamente identificados com "o inimigo", em suma, a mesma coisa que ocorria nos países que viviam sob a influência soviética em relação à União Soviética.

Portanto, da perspectiva norte-americana qualquer movimento de protesto era visto e tratado como tendo um componente comunista--e, por extensão, "russista"--coisa que às vezes ocorria e às vezes não, mas isso a política de valorização da segurança interna deixava de ver. Foi também nesse período que ocorreu a ascensão das "doutrinas de segurança nacional" nos países do continente e, em terras mais distantes. O exemplo mais chocante disso foi o conflito travado por procuração entre os Estados Unidos e a União Soviética no Sudeste Asiático.

Agora o leitor certamente estará se perguntando: mas afinal de contas o que e que toda essa história tem a ver com os problemas de paz e segurança e violência atuais e futuros na América Latina?

Bem, a explicação é simples: a lógica das grandes potências não mudou ao longo de todos estes anos, ou seja, o fato de que elas busquem entendimentos entre si com maior ou menor intensidade não significa necessariamente que seu grau de entendimento ou desentendimento vá ser estendido em benefício de membros menos poderosos dos sistemas de alianças em que elas são os líderes, ao contrário, em boa medida o patrocínio do desentendimento entre os sócios menores muitas vezes e o fator de estabilidade entre os sócios maiores.

Atualmente esse comportamento esta presente no fato de que os Estados Unidos e a União Soviética tentam entender-se no plano que interessa mais de perto à sobrevivência de suas populações e de suas economias como um todo, negociando--ou tentando negociar--controle de armas atômicas, produção e emprego de "satélites assassinos", mísseis inter-continentais, e outros sistemas de armamentos que beiram a ciência ficção e que são capazes de causar dano direto entre as Grandes Potências, ao passo que na Europa tanto a União Soviética quanto os Estados Unidos escalam sua presença militar quer convencional, quer nuclear, através de aumento de efetivos militares, quer através da instalação de Cruise Missiles, foguetes SS-20, além de outros artefatos. A característica comum da estratégia subjacente a essa interação entre as Grandes Potências é que toda a construção e emprego de arsenais é deliberadamente orientada para preservar da destruição os territórios das Grandes Potências às custas de causar uma destruição que atinja territórios aliados.

No que diz respeito à América Central, o que se vê é que à proporção que a União Soviética desenvolveu-se como potência militar e mostrou-se capaz de projetar seu poder bastante além de suas fronteiras--seja através de uma esquadra maior e de presença mais ampla, seja através da possibilidade de mobilizar tropas soviéticas de ocupação, diretamente, como é o caso no Afeganistão

seja indiretamente através de "procuradores," como é o caso em Angola. A diferença fundamental reside no fato de que agora a União Soviética pode estar militarmente presente em áreas fora de sua região de hegemonia e os Estados Unidos pouco tem podido fazer a respeito. Isso contrasta com a situação anterior em que a União Soviética só podia prover esse tipo de apoio do ponto de vista político..⁴

Ou seja, o que vemos hoje na América Central é uma repetição do processo já ocorrido em outras regiões através do qual os grandes brigam à custas dos pequenos. Sempre pode ser argumentado cinicamente que, afinal de contas, a estabilidade do mundo repousa na possibilidade que os grandes tem de não entrar em con-

⁴Durante a reunião América Latina, Europa Ocidental e Estados Unidos, realizada na Universidade de Brasília em junho de 1981, durante as discussões, o então Embaixador do México em Brasília, dirigindo-se principalmente--mas não exclusivamente--aos participantes norte-americanos do encontro chamou atenção para o fato de que o movimento guerrilheiro que então existia em El Salvador era poli-ideológico, isto é, incluía muitas facções políticas, inclusive comunistas. Continuava o Embaixador: caso os Estados Unidos insistissem em não reconhecer esse caráter poli-ideológico do movimento e insistissem em achar que ele era monolítico, o resultado final seria realmente transformá-lo num movimento monolítico, com a alienação de diversas forças não-comunistas que dele participavam. São agora passados quase três anos de que esse "aviso" foi dado e o envolvimento dos Estados Unidos em termos diretos, ou quase diretos, bem como o envolvimento da União Soviética em termos menos diretos um pouco, só tem feito aumentar, internacionalizando o conflito. Isso traz para o povo norte-americano o espectro de um novo Vietnam, sem que exista necessariamente a perspectiva de uma invasão de território norte-americano por forças soviéticas ou de seus aliados.

flito através do processo de manter esse conflito restrito aos países menos ricos e menos poderosos. Se isso é consolo para as Grandes Potências, para nós latino americanos não é, ao contrário e razão para um alto nível de preocupação.

Os Conflitos Intra-regionais: A Ausência das Grandes Potências

Se, por um lado, o mais visível, uma das ameaças à paz e à segurança na América Latina--e quiçá esta seja a maior--é a possibilidade de que as Grandes Potências venham a confrontar-se indiretamente em território de países latino-americanos, existe uma outra, que é igualmente nova, e que foi pouco antecipada. Trata-se da possibilidade de ocorrência de conflitos militares internacionais intra-latino americanos que não tenham nada que ver com o confronto entre as Grandes Potências.

O primeiro caso de um conflito não ligado à competição entre as Grandes Potências ocorrido na América Latina, não foi intra-latino-americano. Foi o caso da guerra entre a República

Argentina e o Reino Unido pela posse das Ilhas Malvinas, no primeiro semestre de 1982.⁵

Medido em relação a standards internacionais, esse conflito não foi muito importante. As ilhas que estavam em jogo não estão numa região estratégica tão relevante, ainda que elas tenham alguma relevância. As perdas humanas e materiais foram comparativamente pequenas. A principal característica dessa guerra foi a sua novidade: ela rompeu com uma crença que existia na América Latina, de que uma guerra no continente seria impossível. Sempre que se pensava em guerra no continente as "hipóteses

⁵ A propósito dos conflitos não comumente antecipados, ver Alexandre de S.C. Barros, "Regional Rivalries and War Probabilities in South America. Trabalho apresentado na Reunião Anual do Inter-University Seminar on Armed Forces and Society, realizado na Universidade de Chicago, entre 23 e 25 de outubro de 1980. Sobre a questão do Conflito das Malvinas, ver Alexandre de S.C. Barros, "Security in South America post-Malvinas (or post-Grenada?): Strategic and Military Implications. Trabalho apresentado na reunião anual do RIAL, realizada na Universidad de Belgrano, Buenos Aires, Argentina, entre 22 e 25 de novembro de 1983. Ver também o artigo de Roberto Etchepareborda, citado na Bibliografia ao fim desse trabalho.

de guerra", consideravam que seria quase que condição necessária para a sua ocorrência que "os russos estivessem por trás".⁶

O fato é que no caso da guerra entre a Argentina e a Inglaterra, dois países pertencentes a dois sistemas de alianças militares--a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e o Sistema Inter-Americano de Defesa,⁷ dos quais os Estados Unidos são o principal membro entraram em conflito por divergência de interesses definidos de um ponto de vista estritamente nacional,,

⁶As doutrinas militares reinantes nos países da América Latina durante as décadas de cinquenta, sessenta e setenta foram elaboradas conjuntamente pelas forças armadas desses países sob forte influência do pensamento militar norte-americano. De maneira geral existem três níveis possíveis de conflitos: 1) conflitos internos--leia-se subversão, terrorismo, agitação etc., inspirados pelos russos (ou seus agentes); 2) conflitos internacionais regionais; e 3) conflitos entre blocos. Passado o nível retórico, o que, geralmente, se constatava era que os únicos que contavam, no caso de países da América Latina, eram o primeiro e o terceiro níveis. No primeiro, tratava-se de militarizar algo que em países avançados seria tratado como questão socio-econômica ou, no máximo, policial, mas nunca militar. No segundo nada ocorreria pois na medida em que os Estados Unidos exerciam o poder hegemônico na região e detinham um "quase monopólio" do fornecimento de armas para os países da região, nada poderia ocorrer que não interessasse aos Estados Unidos. No terceiro plano, o da grande confrontação--atômica--entre os Estados Unidos e a União Soviética, nada teriam que fazer os militares latino-americanos a não ser observar, já que esse seria um conflito para "os grandes."

⁷A propósito do sistema inter-americano de defesa ver Jack Child, "The Inter-American Military System", Ph.D. Dissertation, American University, 1978. Uma versão mais compactada do trabalho de Child é Unequal Alliance: The Inter-American Military System, 1938-1978 (Boulder, Colorado: Westview Press, 1980).

ou seja por razões que não faziam parte do paradigma destes dois sistemas de alianças.⁹

A importância de qualquer evento que contraria uma crença arraigada é que sua ocorrência destroi um mito. Isso foi o que aconteceu no caso da Guerra das Malvinas. O fato de que ela aconteceu deixou claras várias coisas para as elites civis e militares latino-americanas, estas são coisas que nos interessam muito na medida em que elas aumentaram imensamente o risco de que o continente seja jogado em outros conflitos em futuro não muito distante. Os mais importantes mitos ou crenças que caíram por terra a partir da ocorrência da Guerra das Malvinas foram os seguintes:

Primeiro, a crença de que o sócio majoritário da aliança--os Estados Unidos--não admitiriam o conflito. Não só os Estados

⁹Os paradigmas da OTAN e do Sistema Inter-Americano de Defesa não contemplavam a possibilidade de que membros destas duas alianças entrassem em conflito entre si, ou por razões que escapassem das premissas fundamentais dos sistemas de aliança. Essas premissas, em ambos os casos, presumiam que os russos deveriam estar inspirando qualquer conflito que envolvesse países de um dos dois sistemas de aliança em questão. Assim, qualquer conflito se definiria como controvérsia que necessariamente passaria pela linha de clivagem entre o Bloco Ocidental e o Bloco Oriental. Pois bem, no caso da Guerra das Malvinas o que se viu foi o rompimento de todas estas expectativas, e, com ele, o rompimento do paradigma principal de ambos os sistemas de alianças, ao menos no que diz respeito à América do Sul. A propósito da noção de paradigma, ver Thomas S. Kuhn, The Structure of Scientific Revolutions, Chicago: The University of Chicago Press, 1970 (2ª Edição).

Unidos o admitiram, como pouco puderam fazer para evitá-lo.™

Até aonde é possível saber, o cálculo dos militares argentinos que tomaram a decisão de levar adiante a invasão compreendia os seguintes fatores: 1) O fato de que forças argentinas estavam auxiliando tropas norte-americanas na luta contra a guerrilha em El Salvador, já que a oposição política interna a um envolvimento maior dos "American boys" na América Central era grande. Os argentinos se sentiram numa posição forte para demandar dos Estados Unidos apoio contra a Inglaterra. 2) No que diz respeito à questão da defesa do Atlântico Sul, os generais argentinos esperavam que, em invadindo a ilha, a Argentina pudesse oferecer aos Estados Unidos uma coisa que há muito eles vinham buscando: uma base naval nas Malvinas para face à crescente presença naval soviética no Atlântico Sul.

Na época imediatamente posterior à guerra, foi levantada a questão de se teria ou não havido estímulo--ainda que não-explicito--da parte dos Estados Unidos para que a Argentina levasse adiante seu propósito de reconquistar as Malvinas pela força. Esse era ainda o início da Administração Reagan, que buscava um aliado na América Latina que pudesse ser mais confiável do que o Brasil. O número de oficiais superiores norte-americanos que publicamente fizeram escala no Rio de Janeiro a caminho de Buenos Aires durante esse período não tem precedente nos anos recentes.

Eu acreditava que essa corte que foi feita pelas autoridades militares norte-americanas aos seus colegas argentinos teria tido a função de "dar idéias" de que eles poderiam contar com o beneplácito norte-americano para a invasão. Posteriormente--em novembro de 1983--em conversa com um oficial da Marinha Argentina que participou intensamente das negociações durante a guerra, fiquei sabendo que os militares argentinos consultaram seus colegas norte-americanos a respeito da possível reação dos Estados Unidos a uma invasão e receberam mensagens de desaprovação explícita e inequívoca.

Posteriormente vieram à tona informações na imprensa norte-americana de que, não só os Estados Unidos sabiam da invasão antes que ela ocorresse, como também seus aliados, os ingleses foram notificados das intenções argentinas pelos norte-americanos através de conexão direta entre o Pentágono e o Ministério Britânico da Defesa. Aparentemente, o então Secretário de Estado Alexander Haig foi "deixado no escuro" a respeito desses contactos. A razão de ser disso teria sido a rivalidade de Haig com o Secretário de Defesa Caspar Weinberger.

Segundo, a crença de que não existiam armas suficientes no continente para uma guerra de alguma proporção também desapareceu. Ficou claro, não só que as armas existem, como também que dificuldades logísticas de obtenção de equipamento militar são um problema é solucionável, ainda que a custos financeiros elevados.

Terceiro, as elites dos países do continente, que vinham batalhando pela promoção da idéia de que era importante desenvolver uma indústria bélica nacional independente, ou pelo menos não tão dependente de tecnologia e capacidade industrial extra-nacionais extra-nacionais tomou um impulso.¹⁰ De quebra, vai aí, também, um reforço para os grupos que advogam a necessidade de desenvolver uma capacidade nuclear independente na América do Sul, já que nem sempre é possível contar com os parceiros desenvolvidos.

¹⁰A propósito da mais desenvolvida indústria bélica na América do Sul, ver Alexandre de S.C. Barros, "O Modelo da Indústria Bélica Brasileira: História e Implicações. Trabalho apresentado no Simpósio Militares, Estado e Sociedade, realizado na Universidade de Campinas, São Paulo, entre 21 e 23 de março de 1984. Ver também Alexandre de S.C. Barros, "The Brazilian Arms Industry: An Instrument of Foreign Policy", in Arms Production in Developing Countries: An Analysis of Decision-Making, edited by James Katz, Lexington, Massachusetts: D.C. Heath & Co., 1984.

Quarto, a crença de que num caso de conflito entre um país das Américas e poderes extra-continentais os Estados Unidos ficariam com o poder continental provou-se falsa, ou seja, as posições norte-americanas são definidas em função de interesses da elite norte-americana que, pouco ou, nada levam em conta os interesses dos sócios menores dos sistemas de aliança liderados pelos Estados Unidos.

Quinto, e como consequência do ponto anterior, se colocou a questão de em que medida os países latino-americanos podem ou devem renunciar à possibilidade de se armarem independentemente das Grandes Potências na medida em que os interesses mesmos dessas potências nem sempre são coincidentes com os interesses de seus parceiros menores.

Sexto, todos estes fatos aumentam, e em muito, a responsabilidade das elites latino-americanas pelo seu próprio destino, e em boa medida pelos destinos do continente.

Antes da ocorrência dessa guerra os países viviam na santa ingenuidade que os paradigmas nos fornecem de que não havia que preocupar-se pois "os grandes eventos" estavam fora do controle das elites latino-americanas. O que ficou claro é que mudou a escala dos eventos: os eventos que são "privativos" das elites dos países desenvolvidos hoje em dia são os que podem ser chama-

dos de monumentais. Os eventos apenas "grandes"--ou ao menos suficientemente grandes para causar bastante desgraça já estão ao alcance das elites latino-americanas. O ponto a respeito do qual existem dúvidas hoje em dia é qual a capacidade dessas elites de trazer muitos benefícios. Ou seja, hoje em dia não há dúvidas de que as elites dos países latino-americanos já dispõem de uma competência específica, e bastante alta, para alterar o destino de seus povos para pior, sem que elas tenham ainda conseguido provar que são capazes de alterar os destinos de seus povos para melhor.

Conclusões

Nessa reunião a tentativa que está sendo feita é no sentido de discutir com pessoas que fazem parte das elites políticas latino-americanas de uma forma muito especial, trata-se de um grupo de pessoas que é representativo de diversas correntes políticas de países latino-americanos, de regiões as mais diversas, de maneiras de pensar as mais variadas, tendo apenas em comum o fato de que se trata de pessoas que não carregam em suas bagagens pessoais ainda--e se espera que não venham a carregar--o gosto do fracasso e a culpa de pouco have contribuído. Nesse sentido, no que diz respeito a paz e segurança no continente nós estamos frente a frente com dois problemas principais. O

risco de que as Grandes Potências façam do continente seu terreno de confrontação e o risco que nossas próprias elites nos conduzam pela rota da desgraça a partir de interesses particularistas.

Esses temas não são fáceis. Por um lado existe o argumento sempre tentador de que ninguém pode renunciar à sua própria defesa e delegá-la a outrem, o que se constitui num estímulo para o armamentismo, a preparação militar e todos os outros tipos de providência que vem juntos com isso. Por outro lado há o fator mais inescapável da política internacional do século: o nacionalismo, que serve para encobrir qualquer tipo de sentimento do mais ao menos nobre do mais ao menos racional.¹¹

Durante muitos anos se acreditou na índole pacífica dos povos e nações da América Latina, ora, já está claro que essa não era a situação, ou seja, o que se acreditava que era uma índole pacífica inata era, na realidade, resultado de um conjunto de

¹¹O caso mais patente de contaminação pela irracionalidade foi dado pela situação na Argentina na ocasião da Guerra das Malvinas. Mergulhada numa ditadura militar à qual o grau de repúdio só pode ser medido pela eleição que colocou no poder Raul Alfonsín, milhões de pessoas não hesitavam em sair às ruas para se manifestar a favor de uma guerra que--não importa se refletindo um direito jurídico ou não--era obviamente irracional. Nos empregos, os que eram contrários à guerra eram discriminados e taxados de anti-patriotas e isso tudo ocorrendo numa situação em que existia um altíssimo grau de ilegitimidade do governo no poder, ainda assim se viu o que se viu.

condições históricas específicas que prevaleciam tanto no plano internacional, quanto no plano interno desses países. Agora a situação mudou.

A experiência do que ocorre na América Central já deixou claro que é perfeitamente possível que as Grandes Potências se entendam entre si e se preservem da destruição mútua, ao mesmo tempo que deixam--ou estimulam--que seus aliados menores batalhem entre si, com ou sem a participação direta de tropas das forças armadas dessas mesmas Grandes Potências, ou seja, é possível para elas a preservação da sua situação às custas dos outros.

A ocorrência da Guerra entre a Argentina e a Inglaterra pela posse das Ilhas Malvinas também deixou claro que a possibilidade da guerra internacional sem a participação estímulo ou possibilidade de controle por parte das Grandes Potências é uma realidade no continente. Em linguagem um pouco mais chocante: War is home.

Se formos um pouco mais atrás na história, a ocorrência dessa guerra poderá nos dar toda uma perspectiva nova da crise entre a Argentina e o Chile em fins da década de setenta em torno da questão do Canal de Beagle, ou seja, ainda que a guerra não houvesse ocorrido naquele momento a sua possibilidade existia, tanto é que ela se materializou quatro anos depois.

Destruída, portanto, a noção de que a guerra é impossível, a próxima noção a ser desenvolvida é que a paz depende de esforço e não é necessariamente "um estado natural", ou seja se deixadas a elas mesmas as inclinações das pessoas não levam à paz, ao contrário, podem perfeitamente levar à guerra.

Durante muitos anos em nosso continente, uma das "garantias" que existiam de que a guerra não iria ocorrer era que os militares de nossos países estavam envolvidos em administrar nossa política interna. Se isso foi bom, médio ou ruim, é uma questão que vai ser discutida em outra sessão desse seminário, do ponto de vista dessa sessão o importante é que de há muito pouco tempo existe uma mudança em muitos de nossos países na direção da saída dos militares do primeiro plano da política interna. Como na maior parte dos países esse processo está ocorrendo de forma gradual--ainda que a velocidade específica dos processos varie caso a caso--e não está sendo cogitada pela maior parte dos grupos políticos responsáveis no continente a extinção das forças armadas, existe, por um lado a necessidade de encontrar uma tarefa que seja legítima para os militares do continente. Por outro, existe a necessidade de que as elites políticas, até recentemente acostumadas a praticamente não participar de maneira sistemática da administração de assuntos de defesa--quer interna, quer externa--se conscientizem de que vão ter a necessidade de dedicar parte de seus esforços a essa área de preocupação.

O processo não vai ser fácil na medida em que, na realidade, estaremos diante de um processo de re-socialização¹² tanto de civis quanto de militares a respeito de suas tarefas na sociedade.

Finalmente, e isso é muito importante no novo contexto que estamos começando a viver, ainda que a guerra seja muito importante para ser deixada só por conta dos generais, é muito importante também não esquecer que o militarismo mais perigoso não é o dos militares, mas sim o dos civis.¹³

Rio de Janeiro, Jardim Botânico, agosto de 1984.

¹²A noção de socialização está sendo utilizada aqui em seu sentido sociológico, significando um processo de re-treinamento e re-definição de valores e de papéis de grupos sociais e profissionais, mais especificamente militares e políticos civis.

¹³A propósito desse tema ver o livro clássico de Alfred Vagts, A History of Militarism: Civilian and Military (New York: The Free Press, 1939), revised edition.

BIBLIOGRAFIA E FONTES DE INFORMAÇÃO

A bibliografia a respeito desse assunto é, em geral, polêmica, dada as controvérsias mesmas em que o assunto está envolto.

Dado que o conflito na América Central está se internacionalizando, e não parecem existir perspectivas de que essa situação venha a mudar em futuro próximo--especialmente na hipótese da reeleição do Presidente Ronald Reagan--creio que continuaremos a ter uma bibliografia maciçamente apologética e proselitista.

Seguem-se abaixo alguns textos que podem ajudar um aprofundamento no assunto, sempre tendo em mente, no entanto o fato de que boa parte dela tem caráter "partidário" e pauta suas análises de acordo com tais critérios.

No que diz respeito à Guerra das Malvinas a situação já é um pouco melhor, pois a parte da bibliografia produzida no calor do imediato pós-guerra (e essa era geralmente de origem argentina ou britânica) passaram a aparecer mais tarde obras menos controversas e mais analíticas.

IMPORTANTE -- Os trabalhos assinalados com a marca *** foram considerados especialmente úteis para o entendimento do tema de que tratam. Essa marca, no entanto, não significa um edosso, nem da parte do autor desse trabalho, nem da parte de nenhuma das entidades promotoras do encontro das análises ou posturas políticas, explícitas ou implícitas, nos trabalhos.

Atroshenko, A. - "The USA's Latin American Doctrines." in International Affairs (December 1979), Moscou.

Avery, William P. - "Domestic Influences on Latin American Importation of U.S. Armaments." in International Studies Quarterly (March 1978), Sage Publications.

*** Barros, Alexandre de S.C., "The Diplomacy of National Security: South American International Relations in a Defrosting World", in Latin America: The Search for a New International Role, edited by Ronald G. Hellman e H. Jon Rosenbaum, Beverly Hills, California: 1975.

Barros, Alexandre de S.C., "Confidence Building Measures in South America Some Notes on Opportunities and Needs", in

Confidence Building Measures, edited by Karl Kaiser, Arbeitspapiere zur Internationalen Politik 28, Bonn: Forschungsinstitut der Deutschen Gesellschaft für Auswärtige Politik e.V., December 1983.

Barros, Alexandre de S.C. "Confidence Building and Mutual Trust. Paper presented at the 25th Annual Meeting of the International Studies Association, held in Atlanta, Georgia, 27-31 March 1984.

Barros, Alexandre de S.C., "The Brazilian Arms Industry: An Instrument of Foreign Policy", in Arms Production in Developing Countries: An Analysis of Decision-Making, edited by James Katz, Lexington, Massachusetts: D.C. Heath & Co., 1983.

Barros, Alexandre de S.C., "O Modelo da Indústria Bélica Brasileira: História e Implicações. Paper presented at the Symposium on Military, State and Society, held at the University of Campinas, São Paulo, 21-23 March 1984.

Barros, Alexandre de S.C., "Defense and Security Issues: Implications for the New Atlantic Triangle. Paper presented at the Conference "A New Atlantic Triangle? Latin America, Western Europe and the United States", held at the University of Brasília, 15-17 June 1981.

*** Barros, Alexandre de S.C., "Regional Rivalries and War Probabilities in South America. Paper presented at the Annual Meeting of the Inter-University Seminar on Armed Forces and Society, held at the University of Chicago, 23-25 October 1980.

Barros, Alexandre de S.C., "Security in South America post-Malvinas (or post-Grenada?): Strategic and Military Implications. Paper presented at the Annual Meeting of RIAL, held at the Universidad de Belgrano, Buenos Aires, Argentina, 22-25 November 1983.

Blasier, Cole - "The Soviet Latin Americanists." in Latin American Research Review, vol. XVI, n. 15 (1981).

Cavalla Rojas, Antonio - "La Estrategia Militar Norteamericana y las Luchas de Liberación Nacional en America Latina." Centro de Estudios Latinoamericanos de la Facultad de Ciencias Políticas y Sociales de la UNAM. Trabalho apresentado no XIV Congresso Latino Americano de Sociologia realizado em San Juan, Porto Rico, Outubro de 1981.

*** Centro de Investigación y Docencia Económicas (CIDE). "La Dependencia Militar Latinoamericana." Estados Unidos: Perspectiva

Latinoamericana - Cuadernos Semestrales (segundo semestre, 1978), México.

*** Child, Jack - "The Inter-American Peace and Security System after the Malvinas/Falklands Crisis." Washington, D.C.:The American University, 10 de setembro de 1982.

Child, Jack - "Estados Unidos y Latinoamerica: Conceptos Estratégico-Militares." in Estrategia (março-abril de 1980).

*** Child, Jack - "Geopolitical Thinking in Latin America." in Latin American Research Review, n. 2 (1979).

Child, Jack - "Strategic Concepts of Latin America: an Update." in Inter-American Economic Affairs (Summer 1980).

Child - Jack Child, "The Inter-American Military System", Ph.D. Dissertation, American University, 1978. A more compacted version of Child's dissertation is Unequal Alliance: The Inter-American Military System, 1938-1978 (Boulder, Colorado: Westview Press, 1980).

*** Child - Jack Child, Maintenance of Peace and Security in the Caribbean and Central America, edited by Jack Child (New York: International Peace Academy, 1984).

Child - Jack Child, Unequal Alliance: The Inter-American Military System, 1938-1978 (Boulder, Colorado: Westview Press, 1980).

*** Etchepareborda, Roberto, "La Bibliografía Reciente sobre la Cuestión Malvinas" (Primera Parte), in Revista Interamericana de Bibliografía, vol. XXXIV, n. 1 (1984). A segunda parte estará sendo publicada no número 2.

Flores, Mário César (Almirante), "A Importância do Atlântico Sul nas Relações Internacionais" in Política e Estratégia, vol. II, n.1 (Janeiro-Março de 1984), Brasil.

Goldblatt, Jozef and Victor Millán, "The Honduras-Nicaragua Conflict and Prospects for Arms Control in Central America" (Stockholm: SIPRI, 1984). Reprinted from SIPRI Yearbook 1984.

Gonzalez, Heliodoro - "When is Military Aid Justified?" in Journal of Inter-American Economic Affairs, vol. 2, n. 35 (Autumn 1981) (trata de relações Estado Unidos-El Salvador).

Grondona, Julio Mario - "Programa Nuclear Brasileiro" in Revista

Argentina de Relaciones Internacionales (septiembre-diciembre 1975).

Hayes - Margaret Daly Hayes, "Security to the South: U.S. Interests in Latin America", in International Security 5 (Summer 198?), también publicado em Cuadernos Semestrales: Perspectiva Latinoamericana (CIDE), (segundo semestre, 1981).

Hayes, Margaret Daly - "Brazil and the South Atlantic: Changing Perspectives on an Emerging Issue." Washington, D.C.: Center of Brazilian Studies, SAIS/JHU, 1981 (mimeo.).

Hayes, Margaret Daly - "United States Security Interests in Central America in Global Perspective." Washington, D.C.: Smithsonian Institution, Woodrow Wilson Center, 2-3 Abril 1981.

Mercado Jarrín, Edgardo - "La Cuenca del Pacifico Sur: Escenario de Cambios." in Geosur, año III, n. 33 (Mayo de 1982), Montevideo, Uruguay.

Mercado Jarrín, Edgardo - "Bases para una Geopolitica Peruana." in Geosur (marzo de 1981).

Marcella, Gabriel - "Cuba and the Regional Balance of Power." in Parameters: Journal of the U.S. Army War College, n.2 (1977)

Marcella, Gabriel - "Las Relaciones Militares entre los Estados Unidos y América Latina: Crises y Interrogantes Futuros." in Estudios Internacionales (Julio-Septiembre de 1980).

Marín-Bosch, Miguel - "Mexico y el Desarme." in Foro Internacional (julio-septiembre de 1977).

Pearce, Joan - "The Falklands Islands Dispute." in World Today, vol.38 (May 1982), USA.

Portales, Carlos, "Zona de Paz: Una Alternativa a los Desafios Estratégicos de America Latina," Trabalho apresentado na Reunião Anual da International Studies Association, realizado em Atlanta, março de 1984.

Puig, Juan Carlos - "El Control de los Conflictos Latinoamericanos: Aspectos Jurídicos - Tendencias Actuales y Perspectivas Futuras." Trabalho apresentado na Reunião da Latin American Studies Association, realizada em Washington, D.C., 3-6 de março de 1982.

Purcell, John - "The Interests and Perceptions of U.S. Business

in Relation to the Political Crisis in Central America." Washington, D.C.: Woodrow Wilson Center, 2-3 April 1981.

Quagliotti de Bellis, Bernardo - "Constantes Geopolíticas en Iberoamérica." in Geosur, año II, n. 2 (Junio 1981), Montevideo, Uruguay.

*** Ronfeldt, David - Geopolitics, Security and the U.S. Strategy in the Caribbean Basin (Santa Monica, California: Rand Corporation, November 1983), Rand Publication # R-2997-AF/RC

Ronfeldt, David and Sereseres, Caesar - "U.S. Arms Transfers, Diplomacy and Security in Latin America and beyond." New York: Council on Foreign Relations, October 1977 (edited by Andrew Pierre).

Tambs, Lewis - "Guatemala, Central America and the Caribbean: A Geopolitical Glimpse." Trabalho preparado para apresentação no Sub Committee on Inter-American Affairs of the U.S. House of Representatives (30 July 1981).

Tierney Jr, John J., Somozas and Sandinistas: The U.S. and Nicaragua in the Twentieth Century (Washington D.C.: Council for Inter-American Security and Council for Inter-American Security Educational Institute, 1982)

Tillema, Herbert K. and Van Wingen, John R. - "Law and Power in Military Intervention." in International Studies Quarterly vol. 26, n. 2 (June 1982)

Trias, Vivian - "Argentina, Brasil y la Union Sovética en la Diplomacia Nuclear." in Opiniones (Junio 1980), Coral Gables, Florida.

1

2